



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE FILOSOFIA

ADRIANA ARRUDA DE MENDONÇA

SCHOPENHAUER E O AMOR

CAMPINA GRANDE-PB
2011

ADRIANA ARRUDA DE MENDONÇA

SCHOPENHAUER E O AMOR

Artigo Científico apresentado ao Componente Curricular Trabalho de Conclusão de Curso como requisito para obtenção do diploma de Graduada em Licenciatura Plena em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Julio Cesar Kesting

CAMPINA GRANDE – PB
2011

M537s Mendonça, Adriana Arruda de.
Schopenhauer e o amor. [manuscrito]: /Adriana
Arruda de Mendonça. – 2011.
20 f.:
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Filosofia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro
de Educação, 2011.
“Orientação: Prof. Dr. Julio Cesar Kesting,
Departamento de Filosofia”.

1. Amor 2. Schopenhauer 3. Eros 4. ágape. I.
Título.

21. ed. CDD 212.7

ADRIANA ARRUDA DE MENDONÇA

SCHOPENHAUER E O AMOR

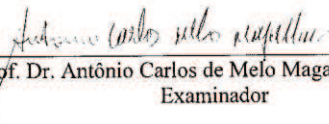
Aprovada em 23 de Novembro de 2011

BANCA EXAMIMADORA




Prof. Dr. Júlio César Kesting / UEPB
Orientador

Nota 8,5



Prof. Dr. Antônio Carlos de Melo Magalhães / UEPB
Examinador

Nota 8,5



Prof./Ms. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB
Examinador

Nota 8,5

DEDICATÓRIA

Às três pessoas de grande importância que fazem parte da minha vida, pelas quais com muito amor e generosidade confiaram em mim durante essa caminhada. Aos meus pais, Maria de Lourdes e Francisco, que desde cedo mim ensinaram o valor da vida e a não desistir dos nossos sonhos. Ao meu esposo, Reginaldo que com carinho e atenção mim mostrou que agindo com esforço e perseverança é possível alcançar os objetivos que traçamos desde que a eles sejam empenhadas dedicação e prazer em realizá-los.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que de acordo com minha crença/ religião é a fonte de inspiração divina, a qual através de seu amor fraterno e sabedoria, mim conduziu para uma vida de realizações e paz.

Aos meus pais, Maria de Lourdes e Francisco, a qual sem eles nada disso seria possível e a quem devo a minha existência.

Ao meu esposo, Reginaldo que esteve sempre ao meu lado com palavras compreensivas e a quem em pude contar nos momentos difíceis.

Aos meus irmãos/ã, Anchieta, Erivam, Missias e Ana Paula pelo sentimento de amor fraterno que sempre demonstraram para comigo e a quem eu vos adoro, assim como também, a minha amada vó Auta.

Aos meus familiares, em especial a minha sobrinha Lucileide pelo seu apoio nesse trabalho. Agradeço também ao/a meu/minha sogro, Brazmar e Lourdes.

A todos os professores, desde o ensino infantil até os professores da graduação, pois acredito que o processo de formação é contínuo.

Agradeço de maneira especial ao prof. Dr. Julio Cesar Kestering pela sua paciência e atenção para comigo, durante a orientação para a realização desse trabalho. Ao prof. Antônio Carlos M. Magalhães e ao Prof. Ms José Nilton Conserva de Arruda pela consideração e contribuição para o aprimoramento do meu conhecimento e por ter se disponibilizado a examinar o meu trabalho.

Agradeço também de maneira muito especial a Prof. Dra. Maria da Conceição Alves Rodrigues por ter possibilitado participar de projetos de pesquisa e extensão acreditando que o meu empenho poderia contribuir para a eficácia de nosso trabalho.

A todos os meus professores do curso de filosofia que proporcionaram o aprimoramento dos meus conhecimentos. Enfim, a todos os/as meus/minhas amigos/as, em especial aos amigos que fiz durante o curso de filosofia.

SUMÁRIO

RESUMO	06
ABSTRACT	06
INTRODUÇÃO	07
1 O AMOR COMO PROPAGAÇÃO DA ESPÉCIE	09
1.1 QUALIDADES IMPRESCENDÍVEIS A SEREM OBSERVADAS PARA A PROCRIAÇÃO DA ESPÉCIE	11
2 REFLEXÕES ACERCA DO AMOR ÁGAPÉ	13
2.1 O AMOR PURO COMO ELEMENTO PARA A RESIGNAÇÃO: ASCESE	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	19

SCHOPENHAUER E O AMOR

RESUMO

Adriana Arruda de Mendonça*
Julio Cesar Kesting**

O objetivo de nossa pesquisa é apresentar a concepção de amor na obra filosófica de Arthur Schopenhauer, profundo conhecedor da obra de Platão e a quem o filósofo de Danzig muito deve quanto à formulação de sua própria filosofia. Utilizamos para desenvolver nossa pesquisa dois textos filosóficos primários do pensador: *O mundo como vontade e como representação*, obra principal, publicada no ano de 1819 e *A metafísica do amor*, presente no segundo volume de *O mundo como vontade e como representação*, capítulo 44, e que contem suplementos sobre os quatro livros da obra principal, publicada no ano de 1844. A questão que norteou nossa pesquisa foi à seguinte: Será que Schopenhauer, como leitor assíduo das obras de Platão, foi influenciado de tal modo pelo filósofo grego que sua própria concepção de amor é vista no seu lado positivo? Constataremos que é preciso distinguir, na obra de Schopenhauer, duas concepções diferentes sobre o amor. Primeiramente o filósofo alemão apresenta o amor no sentido sexual (EROS), em seguida como amor puro (ÁGAPE). No primeiro sentido o amor nada mais é do que a emoção de que serve o gênio da espécie para favorecer a obra obscura (irracional) e problemática da propagação da espécie; o amor aqui nada mais é do que a manifestação (encenação) fenomênica, isto é, sob a aparência da multiplicidade e da diversidade dos seres vivos, da única força (essência) que rege o mundo: a Vontade de viver. Esse tipo de amor é visto por Schopenhauer, na sua essência, como negativo, pois, leva à continuação do mundo como sofrimento e morte. O amor puro, por sua vez, tem a ver, segundo a concepção de Schopenhauer, com nossas ações (atitudes, comportamentos) com relação à dor alheia retratada na vida de nossos próximos e também dos animais. O amor aqui pode ser visto no seu lado positivo, como amor ético, e que se efetua em gestos concretos do sujeito para diminuir à dor alheia; essas idéias formam a base da moral da compaixão de Schopenhauer.

Palavras-chave: Schopenhauer, amor, Eros, Ágape.

ABSTRACT

The objective of our research is to present conception of love in Arthur Schopenhauer's philosophical work, who has a profound knowledge of the work of Plato and to who the philosopher from Danzing a lot owes as á formulation of his own philosophy. We used to develop our research his two primary philosophical texts: *The world as will and representation*, main work, published in 1819 and *The metaphysics of love*, present in the second volume of *The world as will and as representation*, chapter 44, that it contains supplements on the four books of the main work, published in the year of 1844.

*Graduanda em Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade Estadual da Paraíba.

**Professor Doutor da Universidade Estadual da Paraíba.

The subject that orientated our research was the following: Was Schopenhauer, assiduous reader of the works of Plato, influenced in such a way by the Greek philosopher that his own conception of love is seen on its positive side? We will verify that it is necessary to distinguish, in Schopenhauer's works two different conceptions about the love. Firstly the German philosopher presents the love in the sexual (EROS) sense, then as pure love (AGAPE). In the first sense, love is nothing else than the emotion that serves the genius of the species to favor the obscure (irrational) and problematic of the species propagation; love here is nothing more than the manifestation (staging) phenomenal, that is, under the appearance of the multiplicity and the alive beings' diversity, of the only force (essence) that governs the world: The will of living. This kind of love is seen by Schopenhauer, in its essence, as negative, because, leading the continuation of the world as suffering and death. Pure love in its turn, has to do, according to Schopenhauer's conception, with our actions (attitudes, behaviors about the pain of others portrayed in the lives of our close ones and also of the animals. Love here can be seen on its positive side, such as love ethic, which takes place in concrete gestures of the subject to reduce the pain of others; those ideas were the base of the morals of Schopenhauer's compassion.

Keywords: Schopenhauer, love, Eros, Agape.

INTRODUÇÃO

Platão foi o primeiro filósofo que abordou o conceito de amor de modo sistemático; sua análise contém *elementos positivos* sobre o fenômeno e apresenta-se como modelo para uma metafísica do amor. Duas obras suas aparecem, nesse sentido, como fundamentais: *O Banquete e Fedro*. Nelas o filósofo apresenta e conserva os caracteres do amor sexual; ao mesmo tempo esses caracteres são generalizados e sublimados.

No *Banquete*, primeiramente, o amor é compreendido como falta, insuficiência e, também, como desejo de conquistar e de conservar o que não se possui (Cf.200 a ss). Em seguida, o amor possui relação com o Bem; ele não é outra coisa senão o anúncio e a aparência do Bem; traduz-se, assim, como desejo do Bem (205 e). Em terceiro lugar, o amor seria o desejo de vencer a morte, estando relacionando ao instinto de geração, próprio de todos os animais (208 a, b). Por fim Platão distingue tantas formas do amor quantas seriam as formas do belo; parte da beleza sensível e chega até a beleza da sabedoria, a mais elevada de todas, ou seja, a filosofia (210 a ss).

Na obra *Fedro*, por sua vez, Platão mostra o caminho pelo qual o amor sensível, segundo a escalada do conhecimento, pode tornar-se amor pela Sophia, isto é, pela filosofia e o delírio erótico pode tornar-se uma virtude divina, distanciando, dessa forma, o homem dos modos de vida usuais e empenhando-o na difícil procura dialética (265 b ss).

Nas páginas que se seguem apresentaremos a concepção de amor na obra filosófica de Arthur Schopenhauer¹, profundo conhecedor da obra de Platão e aquém o filósofo de Danzig muito deve quanto à formulação de sua própria filosofia. Utilizamos para desenvolver nossa pesquisa dois textos filosóficos primários do pensador: *O mundo como vontade e como representação*, obra principal, publicada no ano de 1819 e *A metafísica do amor*, presente no segundo volume de *O mundo como vontade e como representação*, capítulo 44, e que contem suplementos sobre os quatro livros da obra principal, publicada no ano de 1844. A questão que norteou nossa pesquisa foi à seguinte: Será que Schopenhauer, como leitor assíduo das obras de Platão, foi influenciado de tal modo pelo filósofo grego que sua própria concepção de amor é vista no seu lado positivo?

Constataremos, no desenvolvimento de nosso trabalho, que é preciso distinguir, na obra de Schopenhauer, duas concepções diferentes sobre o amor. Primeiramente o filósofo alemão apresenta o amor no sentido sexual (EROS), em seguida como amor puro (ÁGAPE).

No primeiro sentido o amor nada mais é do que a emoção de que serve o gênio da espécie para favorecer a obra obscura (irracional) e problemática da propagação da espécie; o amor aqui nada mais é do que a manifestação (encenação) fenomênica, isto é, sob a aparência da multiplicidade e da diversidade dos seres vivos, da única força (essência) que rege o mundo: a Vontade de viver. Esse tipo de amor é visto por Schopenhauer, na sua essência, como negativo, pois, leva à continuação do mundo como sofrimento e morte.

O amor puro, por sua vez, tem a ver, segundo a concepção de Schopenhauer, com nossas ações (atitudes, comportamentos) com relação à dor alheia retratada na vida de nossos próximos e também dos animais. O amor aqui pode ser visto no seu lado positivo, como amor ético, e que se efetua em gestos concretos do sujeito para diminuir a dor alheia; essas idéias formam a base da moral da compaixão de Schopenhauer.

Desta forma nossa pesquisa está subdividida, pois, em duas partes: Num primeiro momento elucidaremos a METAFÍSICA DO AMOR no seu lado negativo – segundo a visão pessimista de mundo defendida por Schopenhauer – como propagação da espécie e, conseqüentemente como continuação do mundo como sofrimento e morte. Em seguida

¹ Arthur Schopenhauer nasceu na cidade de Danzig em 1788 e faleceu em Frankfurt Am Main em 1860. O pano de fundo de sua filosofia é o pessimismo metafísico; no entanto, há uma espécie de otimismo prático na tentativa de uma sabedoria de vida que nos indica um caminho para nos desviarmos de males. Suas principais obras foram: *Sobre A Quádrupla Raiz do Princípio de Razão suficiente*, *O Mundo como Vontade e Representação*, *Sobre a Vontade na Natureza*, *Os dois problemas fundamentais da Ética* e *Parerga e Paralipomena*.

destacaremos o lado positivo do amor como amor puro na ÉTICA DA COMPAIXÃO de Schopenhauer.

1 O AMOR COMO PROPAGAÇÃO DA ESPÉCIE

Schopenhauer, ao falar sobre a sexualidade, se coloca a frente da sua época. Naquele período, não era muito comum discutir assuntos relacionados ao sexo, principalmente da maneira aberta como o filósofo nos apresenta a temática. Sendo assim, faz da referida temática uma das peças centrais de sua filosofia. Para Schopenhauer, apesar do sexo não ser discutido por todas as pessoas, ele está presente na mente e é visto como sendo fundamental na vida dos indivíduos, independente de lugar ou região. O sexo

[...] exerce influência perturbadora nos negócios mais importantes [...], rompe as mais sérias relações, desfaz os mais sólidos laços, torna vítima a vida, às vezes a saúde, riqueza, situação e felicidade, e faz do homem honesto um homem sem honra, do leal um traidor, que parece ser um demônio malfazejo que se empenha em transformar, confundir e destruir tudo (SCHOPENHAUER, 2003, p. 82).

Os impulsos sexuais são vistos como parte de nosso ser e se manifestam como vontade de vida. Para tanto, ele atribui aos genitais “o verdadeiro FOCO da Vontade; conseqüentemente, são o pólo oposto do cérebro, este representante do conhecimento, vale dizer, do outro lado do mundo, o mundo como representação”.² Desse modo, nossos impulsos sexuais estão relacionados à vontade de propagação da espécie. Todavia, a prática do sexo não representa sempre um propósito de perpetuar a espécie, embora existam momentos em que a reprodução aconteça conscientemente. Schopenhauer afirma:

Só conseguimos explicar as manobras, os subterfúgios, os esforços e esses tormentos infinitos para se alcançar o ser amado, que à primeira vista parecem desproporcionais, quando não perdemos de vista este fim, como o verdadeiro. Pois é a geração futura na sua determinação absoluta individual, que caminha para a existência por meio dessas dores e desses esforços. Sim, é ela mesma que já se agita na escolha circunspecta, determinada, obstinada, procurando satisfazer esse impulso sexual, que tem o nome de amor. Já é a vontade de vida do novo indivíduo, que os amantes podem e desejam gerar: já na troca de olhares cheios de desejos se ilumina uma vida nova, anuncia-se a individualidade futura, criação completa e harmoniosa (SCHOPENHAUER, 2007, p. 84).

Os instintos são controlados por uma vontade que age sobre nós, independe do nosso querer enquanto ser particular.³ Porém, a finalidade de procriar, de ver no outro a

² SCHOPENHAUER, 2005, p. 424.

³ A respeito da vontade Schopenhauer diz o seguinte: “a Vontade como coisa-em-si encontra-se fora do domínio do princípio de razão e de todas as suas figuras, e, por conseguinte, é absolutamente sem fundamento,

continuação, ou prolongamento da existência, se caracteriza com um propósito da espécie humana, mesmo que não se tenha concebida a idéia de maneira clara e distinta. Para Schopenhauer, a vontade é um impulso cego. Assim o amor nada mais é do que a vontade que se manifesta pela perpetuação da espécie: “quando o impulso sexual se manifesta na consciência individual de modo vago e geral, sem se dirigir para um indivíduo determinado, é a vontade de vida em si mesma que surge, fora de todo fenômeno”.⁴

Quando um homem e uma mulher buscam se unir um ao outro, seguindo, desta forma o anseio amoroso, ou seja, o amor que afirmam sentir, eles nada mais estão fazendo do que afirmar a vontade de vida. Esse suposto amor é o interesse pela criação de um novo indivíduo, que surge na sua natureza, isto é, a união afetiva entre os casais liga-se a uma fusão de um ser que possibilitará o prolongamento da sua existência. Os pais vêem no futuro filho a unificação e continuação de todas as qualidades suas que recairá sobre os filhos, e este é o acontecimento que representa a perfeita e mais intensa paixão entre dois.

A finalidade última de todo empreendimento amoroso – derive para o trágico ou para o cômico – é realmente o mais grave e importante entre todos os outros fins da vida humana, merecendo, pois, a profunda seriedade com a qual todos o buscam. Com efeito, essa questão significa nada menos que a composição da próxima geração. As *dramatis personae* que entrarão em cena quando dela sairmos serão assim determinadas, na sua existência e na sua natureza, por essas tão frívolas disputas amorosas. Assim como o ser, a existência dessas pessoas que virão, é condicionada pelo impulso sexual em geral [...] (SCHOPENHAUER, 2007. p. 82).

Sabemos que o ser humano, por ser dotado de razão, possui muitas habilidades que o diferenciam dos animais, fazendo com que eles se considerem superiores. E é devido a essa racionalidade que os indivíduos são instigados a refletir sobre suas condições. Embora sejam capazes de criar e inventar novas tecnologias, desenvolver remédios para a cura de doenças, construir grandes prédios etc., os seres humanos têm consciência de que enquanto indivíduos são seres finitos. Portanto, a morte cedo ou tarde é a única certeza que eles possuem e que independente do seu querer, chegará para todos. Sendo assim, o indivíduo enquanto ser finito almeja através da perpetuação alcançar a infinitude da espécie humana, pois só a espécie tem vida infinita. Desta forma, a relação amorosa se afirma através da vontade de vida que Schopenhauer considera como algo negativo porque leva à

embora cada um de seus fenômenos esteja por inteiro submetido ao princípio de razão. Ela é, pois, livre de toda PLURALIDADE, apesar de seus fenômenos no espaço e no tempo serem inumeráveis. Ela é una, todavia não no sentido de que um objeto é uno, cuja unidade é reconhecida apenas em oposição à pluralidade possível, muito menos é una como um conceito, cuja unidade nasce apenas pela abstração da pluralidade; ao contrário, a vontade é una como aquilo que se encontra fora do tempo e do espaço, exterior ao *principio individuationis*, isto é, da possibilidade da pluralidade” (SCHOPENHAUER, 2005, p.p. 171-172).

⁴ SCHOPENHAUER, 2007, p. 83.

continuação do mundo como sofrimento e morte. Assim, também, muitas pessoas sofrem durante toda a vida porque tem medo da morte, pois a consideram o fim da existência; todavia, apesar da morte causar temor, para Schopenhauer, o grande mal é o sofrimento dos homens no mundo. A morte é um processo natural assim como o nascimento. Cada dia morre gente e outras vão surgindo e dando continuidade ao existir. A morte não é real, porque o indivíduo continuará existindo através da perpetuação de sua espécie. O que acontece através da morte é apenas uma interrupção da consciência individual.

1.1 Qualidades imprescindíveis a serem observadas para a procriação da espécie

Quando um homem busca se relacionar com uma mulher ela deve ser preferencialmente dotada de beleza e possuir algumas qualidades específicas, pois nelas já está impresso o tipo mais puro da espécie. A beleza, segundo Schopenhauer, estimula a satisfação sexual. O homem quando ama uma mulher nada mais afirma do que vontade de viver. E o amor do homem se declina na medida em que os desejos forem satisfeitos. Já o sentimento da mulher tende a aumentar na medida em que estes se relacionam.

Aprofundando sua concepção acerca do amor Schopenhauer na parte do II livro *O mundo como vontade e como representação*, parágrafo 44, *A metafísica do amor*, apresenta algumas considerações sobre as inclinações próprias de cada indivíduo na relação e que terá uma função particular no ato da escolha para dar continuidade à espécie. Segundo Schopenhauer:

A busca zelosa e apaixonada da beleza, a escolha cuidadosa a que se procede, não se refere ao interesse pessoal de quem escolhe, embora este assim o suponha, mas se referem ao fim verdadeiro, ao ser futuro, no qual deve ser mantido o tipo da espécie da maneira mais integral e pura possível (SCHOPENHAUER, 2007, p. 87).

Num primeiro momento Schopenhauer, com uma visão preconceituosa, fala que a mulher ideal para ser escolhida pelo homem é aquela que se encontra no período correspondente à menstruação e, de preferência, as mulheres que compreendem a idade entre os dezoitos e vinte e oitos anos, por que se encontram no auge do período ideal à reprodução. A mulher idosa, na qual a menstruação não é mais possível é vista pelo referido autor como sendo desnecessária, já que não tem nenhuma utilidade; sendo assim, a mulher nessas condições só desperta nos homens aversão, tendo em vista que juventude sem beleza ainda possui atrativo, já beleza sem juventude não tem nenhum atrativo, pois a finalidade de gerar outro descendente não é mais possível.

A segunda inclinação do homem para a escolha de um relacionamento com uma mulher é a saúde. Doenças agudas perturbam de maneira passageira, porém o mesmo não se pode afirmar em relação às doenças crônicas, onde mulheres com tais problemas são repugnadas, porque podem transmitir os males para as crianças.

A terceira consideração refere-se à formação óssea, isto é, o esqueleto, na qual de acordo com Schopenhauer (2007) nem o mais belo rosto é suficiente para compensar um corpo deformado.

Na quarta consideração as características a serem consideradas para a união de duas pessoas é uma certa abundância de carnes, da função vegetativa, da plasticidade porque mulheres dotadas de tais qualidades prometem ao feto alimento rico. Todavia, o mesmo não se pode atribuir às mulheres gordas, em decorrência de não despertarem nenhum interesse para o homem, porque o excesso de gorduras pode atrofiar o útero, provocando a esterilidade.

A consideração acerca da beleza do rosto é fundamental porque neste aspecto a parte óssea apresenta-se como elemento a ser avaliado. Um nariz pequeno e arrebitado estraga tudo, porém a beleza dos olhos e da testa é imprescindível para conquistar o homem, porque eles se relacionam às qualidades psíquicas e intelectuais da herança herdadas da mãe.

Já o filósofo Platão distingue tantas as formas do amor quantas seriam as formas do belo. Desse modo Platão parte em sua investigação, da beleza sensível até alcançar a beleza da sabedoria, isto é, a filosofia, haja vista, que o amor pelo conhecimento é imprescindível para conduzir ao caminho do bem e do belo.

Schopenhauer, com sua visão depreciativa acerca das mulheres, falará sobre a vontade e o intelecto em ambos os sexos. Ele atribui à vontade ao homem porque considera a vontade “o verdadeiro ser interior, o cerne, o elemento radical”⁵ do mesmo, enquanto que o intelecto é uma das características pertencentes às mulheres, tratando-se de um aspecto secundário.

O que importa aqui é ter certeza de que o feminino seja tomado como superficial e secundário e o masculino como substancial, radical e primário. O que é herdado do pai é a ‘natureza moral’, ‘o caráter’, o ‘coração’. Logo, a concepção de que o intelecto tem origem feminina resulta de uma hibridização entre a doutrina Schopenhaueriana da primazia metafísica da vontade e seu preconceito bastante convencional segundo o qual o feminino tem de ser secundário com relação ao masculino (JANAWAY, 2003, p. 81).

⁵ SCHOPENHAUER apud JANAWAY, 2003, p. 81.

Apesar da visão negativa de Schopenhauer em relação ao amor, onde este só tem relação com a finalidade de satisfazer a vontade no que concerne a nossa infinitude enquanto espécie, na qual atribui à mulher uma posição inferior ao homem, ficando esta a margem e num plano secundário em relação ao sexo masculino, o autor tece também algumas considerações acerca das qualidades que a mulher procura no homem. Ao se relacionarem, ela também objetiva encontrar nesse ser a geração de um novo indivíduo, porque ele garantirá o prolongamento da sua espécie.

As mulheres preferem homens com idade compreendida entre os trinta e trinta e cinco anos, pois elas reconhecem nessa idade o apogeu da força geradora, em decorrência de que homens muito novos ou idosos demais não servem para a vontade da espécie, porque detém sêmen deficitário, descarregando-o aleatoriamente sem objetivar a procriação. As mulheres procuram homens dotados de coragem e força, porque garantem a geração de crianças fortes assegurando um protetor corajoso.

A estrutura masculina, como exemplo, ombros largos, barba, força dos músculos etc, é importante, pois essas qualidades a mulher não é capaz de suprir. A segunda ordem de considerações trata das qualidades psíquicas, as qualidades de coração, ou caráter do homem imprescindível, porque a criança herda essas características do pai.

Schopenhauer fala que tanto o homem quanto a mulher buscam no outro, qualidades que não lhe são possíveis, a exemplo da força masculina que são características atribuídas ao homem. Já a intelectualidade, como já visto anteriormente, pertence às mulheres. Isso tudo gira em torno da vontade da procriação, tendo em vista que tanto o homem como a mulher almejam, no seu oposto, encontrar qualidades para que o seu filho não nasça com defeitos. Portanto, o homem mais viril se encarregará de encontrar a mulher mais feminina e assim alternativamente, procurando o corretivo para seu desvio.

2 REFLEXÕES ACERCA DO AMOR ÁGAPE

Schopenhauer, apesar de ser considerado um filósofo pessimista, fala também acerca do amor Ágape. Diferentemente do amor Eros, o qual visa, como visto anteriormente, à perpetuação da espécie, o amor Ágape é o amor caridoso, compassivo, no qual não há interesse de um indivíduo sobre o outro, pois o que prevalece é o bem estar daquele ser sofredor, ou seja, nesse tipo de amor o intuito em ajudar o próximo faz com que o indivíduo não pense em benefícios próprios, tendo em vista, que o bem-estar ou o mal-estar do outro passa a ser do indivíduo também, uma vez que o eu não está no centro

das atenções. Nas minhas atitudes e comportamentos intersubjetivos o que interessa é o outro.

[...] pois, então, a compaixão não apenas me impede de causar dano a outrem, mas também me impele a ajudá-lo. De acordo com isso, sou movido, em parte porque minha participação é vivida e profundamente sentida, em parte porque a necessidade alheia é grande e urgente, através daquele motivo puramente moral, a fazer um grande ou pequeno sacrifício à carência ou a necessidade do outro, que pode consistir num esforço em seu favor de minhas forças corporais ou espirituais, da minha propriedade, da minha saúde, da minha liberdade e, até mesmo, da minha vida (SCHOPENHAUER apud BARBOSA, 1997, p. 121).

Para o filósofo, o que faz uma pessoa sentir essa compaixão decorre de uma atitude ou posicionamento ético. Assim, o que leva o eu a agir diante do outrem é simplesmente o fato do indivíduo se colocar naquela situação embora ele não possa viver com a mesma intensidade a dor alheia. Ela permanece para o sujeito ativo algo externo e só penetra no indivíduo através da intuição ou de uma notícia. Portanto, o sujeito ativo vê enredado pelo sofrimento que atinge o outro. É decorrente desses fatores que a pessoa, detentora do amor autêntico, que para Schopenhauer é o amor-compaixão, é impulsionada a proteger o seu semelhante. A palavra “compaixão significa paixão-com. É o colocar-se no lugar do outro, sofredor, homem ou animal, esquecendo-se da própria personalidade”.⁶

É por isso que Schopenhauer identifica no amor *Ágape* uma negação da vontade. As relações de conflitos (relações egoístas) entre o “eu” e o outro são desta forma superadas. Há uma aproximação por parte do sujeito ativo com o ser sofredor, de modo que eles não mais se consideram estranhos ou distantes um do outro. O tu passa aqui a ser o eu. O sofrimento do outrem passa a ser o “meu” também. Esse amor é bastante comum entre pessoas caridosas e entre os santos. Nesse sentido, o filósofo de Danzig destaca o amor de Jesus Cristo, não um amor voltado para uma única pessoa, mas à humanidade em geral. Cristo doou sua própria vida em prol da salvação da humanidade em geral. Como explicita o filósofo:

Cristo não amou a si, ou se deteve numa mulher em particular; o seu amor era pela humanidade, e por esta se sacrificou na cruz; a sua paixão era por todos, não por um específico indivíduo do sexo oposto, visando à reprodução, como ocorre com as pessoas guiadas por *Eros*. Jesus amou caritativamente a todos, mesmo o injusto e o cruel. (SCHOPENHAUER, 1997. p. 85).

De acordo com Barboza (1997), Schopenhauer atribui à compaixão o único fundamento da ética. Assim, o egoísmo e a crueldade tão presentes nas relações intersubjetivas, desaparecem, dando lugar à caridade. Prevalece nessas relações o amor puro destituído de qualquer interesse egoísta. É no entregar-se completamente ao diferente

⁶ BARBOZA, 1997, p. 85.

que “a existência do outro se torna a minha existência” (1997, p. 86); o que interessa aqui é a diminuição do sofrimento alheio. Tais concepções acerca do amor não se distanciam das idéias do filósofo Platão, onde na obra *Fedro* ele fala sobre o amor sensível e o delírio erótico que podem tornar-se virtude divina.

O amor desinteressado é uma prática vivenciada cotidianamente entre as pessoas. Elas são impelidas a ajudar sempre que vêem o seu próximo vivendo em necessidades. Tal sentimento possui para Schopenhauer uma raiz misteriosa, a própria razão não consegue explicar esse fato. No amor caridoso não há interesse físico e intelectual.

Certamente esse processo é digno de espanto e até misterioso. É, na verdade, o grande mistério da ética, seu fenômeno originário é o marco além do qual só a especulação metafísica pode arriscar um passo. Vemos nesse processo a supressão da parede divisória que, segundo a luz natural (como os antigos teólogos chamam a razão), separa inteiramente um ser de outro ser, e vemos o não-eu tornar-se numa certa medida o eu. (BARBOZA, 1997, p. 121).

No livro *O mundo como vontade e como representação*, Schopenhauer distingue o amor puro do amor próprio afirmando que todo amor puro e verdadeiro é compaixão. Nele o que predomina é um sentimento sincero que age com a finalidade do bem do próximo. Neste tipo de relação para com o outro o eu não espera nada em troca. Já o amor próprio é constituído pela satisfação do “bem-estar da presença do amigo, cuja individualidade corresponde à nossa, o que constitui quase sempre a maior parte da amizade”.⁷

Para Schopenhauer (2005), o caráter que atingiu a bondade suprema e a nobreza perfeita se sacrifica, objetivando evitar ou amenizar o sofrimento alheio. É possuindo esse tipo de caráter que muitas pessoas morrem em favor dos outros.

Vimos ainda que, em realidade, as alegrias mentem ao desejo, ao afirmarem que seriam um bem positivo quando em verdade// são de natureza meramente negativa, tão somente o fim de um padecimento. Nesse sentido, não importa o que a bondade, o amor e a nobreza de caráter possam fazer pelos outros, tem-se aí sempre apenas o alívio dos sofrimentos; conseqüentemente, o que pode mover a bons atos, a obras de amor é sempre e tão-somente o CONHECIMENTO DO SOFRIMENTO ALHEIO, compreensível imediatamente a partir do próprio sofrimento e posto no mesmo patamar deste (SCHOPENHAUER, 2005, p. 477).

Desse modo, Schopenhauer nos mostra que tanto o amor puro (*caritas*) quanto o sofrimento que esse amor alivia dão origem à compaixão. Para melhor demonstrar que o amor puro é também compaixão, ou seja, que eles percorrem os mesmos limiares, sendo uma junção, uma unificação, o referido pensador no decorrer de sua exposição destaca que “em italiano a compaixão e o amor puro são expressos com a mesma palavra, *pietà*”.⁸

⁷ SCHOPENHAUER, 2005, p. 478.

⁸ SCHOPENHAUER, 2005, p. 478.

Mas a compaixão é uma espécie de sentimento que nem sempre se apresenta nas relações do sujeito com o seu semelhante. Há momentos que vivemos esse sentimento em nós mesmos, onde nos compadecemos com a nossa própria condição; e isso caracteriza a compaixão consigo mesmo, “condicionado tanto pela capacidade de amar e compadecer-se quanto pela fantasia”.⁹ Fantasia, nesse sentido, existe quando imaginamos sofrer o que outro está sofrendo, passar pelas mesmas angústias e sofrimentos, ou seja, a fantasia representa a possibilidade de algo acontecer ou não conosco mesmo.

Segundo Schopenhauer (2005), o choro é visto pela maioria das pessoas como uma expressão de bondade de caráter, podendo se atribuir a estas à capacidade de amar. Já aos indivíduos que tem dificuldade para chorar são denominadas pessoas sem coração, sem piedade (compaixão) e não demonstram possuírem bons sentimentos para com os outros.

Mas nem sempre expressar dor significa sofrer. Há pessoas que choram para representar para os demais que estão comovidas com a situação alheia ou ainda, pelo fato de se colocar naquele lugar do sofredor. Quando o filósofo de Danzig afirma que nem toda dor é sofrimento, um dos exemplos utilizados por ele é o de uma criança que ao sofrer um ferimento não chora por sentir dor, mas porque alguém viu e lastimou o acontecido. A criança, nesse momento, representa para o espectador presente uma encenação. O mesmo também pode acontecer quando alguém morre: o choro generalizado demonstra que nos compadecemos diante de um morto porque sabemos que todos nós algum dia passaremos pela mesma situação.

De fato, em realidade assalta-lhe compaixão pela humanidade inteira entregue à finitude, devido à qual toda vida, por mais esforçada e rica em atos que seja, tem de extinguir-se e tornar-se nada. Nessa sorte da humanidade, entretanto, o enlutado mira antes de tudo a própria sorte e em verdade tanto mais quanto mais próximo dele estava o morto, por conseguinte acima de tudo a morte do pai. Embora a idade e a doença tivessem transformado a vida dele num tormento e, através do desamparo, um fardo pesado para o filho, ainda assim sua morte é chorada intensamente (SCHOPENHAUER, 2005, p. 480).

Após ter efetuado uma análise da distinção entre amor próprio e o amor puro, sendo que este último conduz até ao choro, o filósofo discute que esse mesmo sentimento que origina a compaixão é responsável também pela negação da vontade de vida. Porém, de que maneira acontece essa negação? Schopenhauer reconhece aqui o sentimento de “perfeita bondade de disposição, o amor desinteressado e o mais generoso auto-sacrifício pelos outros”¹⁰, aponto de não perceber a diferença entre si e seu semelhante. Isso possibilita que ele se reconheça nos indivíduos como um todo, ou seja, há aqui uma

⁹ SCHOPENHAUER, 2005, p. 479.

¹⁰ SCHOPENHAUER, 2005, p. 481.

anulação do sujeito oriunda dos sofrimentos alheios: o sujeito toma para si mesmo as dores de todo o mundo.

2.1 O amor puro como elemento para a resignação: ASCESE

Segundo Schopenhauer, o sujeito destituído de quaisquer interesses particulares, nega a vontade de vida, transita, neste sentido, da virtude à ASCESE. Para esse sujeito o corpo desempenha um papel secundário: a pessoa nega a vontade e desmente o corpo.

Como podemos notar nas páginas anteriores, no amor Eros o corpo assume fundamental importância porque ele é responsável por estimular os impulsos sexuais ocasionando a afirmação da vontade de vida, que culmina na perpetuação da espécie. A ascese, por sua vez,

[...] não quer satisfação sexual alguma, sob nenhuma condição. Voluntária e completa castidade é o primeiro passo na ascese ou negação da Vontade de vida. A castidade, assim, nega a afirmação da Vontade que vai além da vida individual, e enuncia que, com a vida deste corpo, também a Vontade, da qual o corpo é fenômeno, se suprime. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 483).

A pessoa que pratica ascese renega todo e qualquer tipo de tentação originada pela Vontade, este passa a adotar práticas de auto-sacrifício da castidade objetivando negar a Vontade. Tal atitude se assemelha aquilo que os apóstolos do evangelho pregavam quando diziam que devemos amar ao próximo como a nós mesmo, assim como também devolver de maneira positiva todo o mal que nos foi causado a ponto de amar e realizar boas ações àquelas pessoas que só nos desejaram o mal e tiveram por nós o sentimento do ódio. A ascese tem a ver, assim também com o amor puro, aquele segundo o qual o sujeito abdica dos prazeres materiais, isto é, terrenos, esquecendo-se de si mesmo e voltando para a obediência a Deus e à ajuda do próximo.

De acordo com Schopenhauer (2005), isto está também de acordo com a ética hindu: o amor ao próximo representa a abnegação do amor próprio. Conforme essa ética, o indivíduo é capaz de doar mesmo aquilo que ele conquistou com o maior sacrifício. O sujeito dotado do desejo de resignação voluntária se desprende de todas os seus bens, sejam eles de caráter material, assim como familiar e passa a viver no isolamento. Só através dessas auto-punições é que se consegue alcançar a mortificação da vontade. Essas práticas foram defendidas pelo cristianismo e pelo hinduísmo a mais de quatro milênios.

Para o filósofo de Danzig, a pessoa que nega a vontade de vida pode parecer aos olhos alheios um sujeito que passa por privações e destituído de alegrias; na verdade,

conforme o filósofo, em seu interior tal indivíduo se apresenta enredado de alegrias e paz celestial, tendo em vista, que não há apego aos bens materiais, nem à vida, o que proporciona que este viva numa “profunda calma e jovialidade interior”.¹¹ A resignação possibilita-o viver sem preocupações mundanas; esse indivíduo está liberto do impeto furioso da vontade.

Mas a negação da vontade através da ascese constitui numa permanente luta, pois a vontade de vida se manifesta ardentemente enquanto o corpo viver. Assim sendo, pessoas que se voltaram para a castidade sofrerão fortes tentações já que a vontade tenta insistentemente em se afirmar naquele sujeito. A ninguém é possível uma paz duradoura; a negação da vontade pressupõe um esforço contínuo por parte do asceta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que Schopenhauer, profundo admirador de Platão, tenha se inspirado nos escritos desse para discutir a temática do amor. As obras platônicas que Schopenhauer tinha presente para desenvolver seus próprios pensamentos foram *O Banquete* e *Fedro*.

No *Banquete* o amor se apresenta, primeiramente, como falta, insuficiência, também como o desejo de conquistar o que não se possui; por outro lado, o amor possui uma relação com o bem, e assim anseia vencer a morte. No *Fedro* Platão fala sobre o amor sensível e o delírio erótico que podem tornar-se virtude divina.

Tais concepções acerca do amor não se distanciam como podemos notar no desenvolvimento do nosso trabalho, da ideia de amor presente na filosofia Schopenhaueriana, na qual, por um lado, o amor é visto no sentido sexual (EROS), no outro, no sentido puro (Ágape). No primeiro sentido, Schopenhauer fala que o amor nada mais é do que o gênio que serve a espécie, de modo que as pessoas por terem medo da morte e tendo consciência de que ela é uma realidade da qual não podemos evitar, buscam se relacionar umas com as outras através do seu oposto objetivando gerar filhos que lhe garantirão eternizar a própria existência na espécie. Assim o anseio amoroso que tanto o homem quanto a mulher afirmam sentir, nada mais é do que a vontade de vida que se manifesta.

No segundo sentido, Schopenhauer fala do amor Ágape, do amor puro, desinteressado. Assim um indivíduo dotado de compaixão procura ajudar o outrem mesmo que a princípio lhe pareça estranho, pois o que interessa é amenizar o sofrimento do seu

¹¹ SCHOPENHAUER, 2005, p. 494.

semelhante. Tal atitude ética (compaixão) é capaz de provocar em alguns indivíduos o desenvolvimento de uma disposição para a prática de uma vida de resignação, uma vida ascética.

Podemos concluir que, enquanto Schopenhauer na sua *Metafísica do amor* mostra um pessimismo metafísico com relação ao amor Eros, no quarto livro da obra *O mundo como vontade e como representação* ele se apresenta como um otimista prático; a questão do amor ali é uma questão ética: esse amor é destituído de qualquer interesse do indivíduo, e se contrapõe aquilo que a vontade de viver tenta afirmar.

Realizada a investigação acerca da concepção Schopenhaueriana sobre o amor em que possibilita compreender as diferenças apresentadas entre o Amor Eros e o Amor Ágape, fica desse modo, registrado um trabalho que pode vir a ser utilizado para estudos posteriormente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOZA, Jair. **Schopenhauer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. (Coleção Passo-a-Passo).

_____. **Schopenhauer: A decifração do enigma do mundo**. São Paulo: Moderna, 1997. (Coleção Logos).

JANAWAY, Christopher. **Schopenhauer**. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 2003. (Mestres do Pensar).

PLATÃO. **O Banquete**. Tradução de José Cavalcante de Souza. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (coleção Os Pensadores).

SCHOPENHAUER, Arthur. **Da Morte Metafísica do Amor Do Sofrimento do Mundo**. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2007. (Coleção A Obra- Prima de Cada Autor).

_____. **O Mundo como Vontade e como Representação**. Tradução Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005.

OBRAS CONSULTADAS

LEFRANC, Jean. **Compreender Schopenhauer**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petropolis, RJ: Vozes, 2005.

DIAS, Rosa Maria. "O autor de si mesmo": Machado de Assis leitor de Schopenhauer.

Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-512X2005000200020&script=sci_arttext)

[512X2005000200020&script=sci_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-512X2005000200020&script=sci_arttext)> Acesso em: 23/10/2001.